Freud x Jung

Ilustrações: Eugenio Tonon

Admiração, rompimento e diferenças marcam a trajetória dos maiores nomes da teoria psicanalítica

TEXTO E ENTREVISTAS RICARDO PICCINATO

Duas pessoas se conhecem, tornam-se amigas e admiram as qualidades uma da outra. Contudo, com o passar do tempo, diferem em ideias e opiniões. O negócio parte para o lado pessoal, ocorrem a divergências e, por fim, o rompimento definitivo da relação. Quem nunca

teve uma experiência assim na vida? Até mesmo grandes mestres da mente humana passaram por algo parecido e decidiram trilhar caminhos diferentes: Sigmund Freud, o fundador da psicanálise, e Carl Gustav Jung, que concordou com as teorias freudianas num primeiro instante e, depois, derivou alguns de seus conceitos e concebeu a psicologia analítica.

Homem de fé

Para contextualizar melhor essa história, é preciso saber quem foi Jung. Carl Gustav Jung nasceu na Suíça em 1875. "Em sua família, a espiritualidade era constante: a mãe era uma médium espiritual, o pai um pastor e o avô conversava com a esposa falecida na frente de todos", lembra Mauro Gertner, psicanalista e ex-diretor técnico da Sociedade Brasileira de Psicanálise Integrativa.

Carl era uma criança com uma inteligência acima da média, além de introspectiva e sensível. Sua racionalidade era guiada por uma grande sensibilidade: "era um homem capaz de perceber a realidade de forma peculiar", entende João Rafael Torres, psicoterapeuta e analista junguiano.

Jung interessava-se por filosofia, cultura oriental e alquimia – assuntos que, de certa forma, acabaram se ligando para sua explicação e interpretação da psique humana. Cursou medicina, por manter seu compromisso pelo interesse de ciências naturais e humanas.

A atração pela psique humana

Em sua especialização, optou pela psiquiatria. Seu trabalho de doutorado baseava-se em uma dúvida que há tempos o amargurava: "sua prima, que ouvia vozes e tinha experiências espiritualistas, era doente mental ou isso ocorria por causas naturais não explicadas pela ciências e medicina?", indaga Mauro. Esse foi um dos motivos que o levou a trabalhar com psicóticos e outras patologias mentais no hospital psiquiátrico onde foi vice-diretor. Aos 30 anos, tornou-se professor de psiquiatria na Universidade de Zurique, na Suíça. Foi nessa época que entrou em contato com as obras de Sigmund Freud.

"Quando Jung nasceu, Freud já tinha renome no cenário e foi o pioneiro da exploração do mundo psíquico humano. Isto exigiu dele um esforço hercúleo no sentido de provar suas ideias e teorias a uma academia extremamente fechada, atrelada a conceitos que pareciam bem embasados a princípio, e que precisavam ser considerados e contestados de forma mais racional e científica possível", lembra Mauro. Mesmo ciente das críticas do meio científico em relação à psicanálise, Jung defendeu as descobertas de Freud, pois entendia que seus trabalhos eram de grande valia para a compreensão do funcionamento da psique humana.

ALÉM DAS TEORIAS

Carl Gustav Jung surgiu no meio científico em um momento em que outras dimensões poderiam ser acrescidas ao trabalho de Freud, trazendo esclarecimentos em pontos obscuros ou sugerindo novos rumos.

"Ser casado com uma mulher dona das maiores fortunas da época ajudou no processo de reflexão e autoanálise e busca pela verdade durante quase oito anos, sem trabalhar. Já Freud necessitava atender para sustentar sua numerosa prole e família. Jung teve o tempo necessário para poder refletir a sós, sem desafios financeiros que o atrapalhassem", lembra o psicanalista Mauro Gertner.

Carl Gustav Jung faleceu aos 86 anos, em sua casa em Zurique, após uma longa vida produtiva, com contribuições para a antropologia, sociologia e, principalmente, a psicologia.

Assinatura de Carl Gustav Jung.

Entre encontros...

Por compartilharem ideias e objetivos, começaram a corresponder-se por cartas quase que semanalmente, e Freud acolheu Jung como seu discípulo. O contato rendeu encontros cara a cara e, na primeira vez que se viram, fluiu um diálogo de mais de 13 horas. Chegaram a viajar aos Estados Unidos para dar palestras em 1909 e, um ano depois, Jung foi eleito presidente da Associação Internacional de Psicanalítica.

A parceria foi produtiva para ambos cientificamente. "A psicologia freudiana, por exemplo, se beneficiou bastante da teoria dos complexos proposta por Jung, assim como o suíço conseguiu ampliar suas possibilidades a partir da análise dos sonhos", indica João Rafael. Mas não tardou para que as diferenças entre seus modos de pensar viessem à tona.

Dois aspectos que definiram o rompimento foram sobre sexualidade e espiritualidade. Jung questionou Freud sobre o caráter unicamente sexual da libido e os motivos de não considerar a religiosidade em seus estudos sobre a psique. "Tais divergências foram extremamente importantes para uma visão diferenciada e mais abrangente sobre esses grandes tabus na sociedade", lembra Carolina Careta, psicóloga clínica com viés em psicologia analítica.

... e desencontros

O resultado foi um rompimento definitivo entre ambos, culminando na publicação de *Transformações e símbolos da libido*, em 1912, pelo suíço. Tratava-se de uma libido que não tinha apenas apelo sexual para Jung.

Mauro Gertner lembra que, na última entrevista dada em vida, Jung afirmou que, desde o início, tinha restrições ao modo de pensar de Freud. Para Sigmund, tudo estava definido e pronto, enquanto que, para ele, nada era definitivo e definido inteiramente. "Essas diferenças de pensamento, aliado ao fato de que Jung considerava a intuição e a existência de um inconsciente coletivo, entre outros, desafiavam os brios e conceitos de Freud", ressalta Mauro. Também podemos levar em conta um choque de gerações: a diferença de 21 anos de idade era considerável no começo do século 20. Como se não bastasse, após o rompimento, Mauro diz que "toda vez que Freud encontrava-se com Jung, ele desmaiava e acusava o suíço de desejar sua morte".

Diante de um cenário de tanta desavença, vamos conhecer os principais pontos de convergências e divergências entre a

Fotos: Divulgação

psicanálise de Freud e a psicologia analítica de Jung.

A libido

Enquanto Freud fixou o conceito de libido na base do instinto sexual, Jung ampliou-o, conceituando-o como energia psíquica, não necessariamente proveniente da sexualidade. "Para a psicanálise de Freud, a libido é a força motriz da vida psíquica do ser humano. Na sua época, era uma energia que produzia e mantinha vida; ou seja, a pulsão sexual e a pulsão agressiva, responsáveis biologicamente pelo movimento de empurrar a vida, como no caso da reprodução", explica Mauro Gertner.

Para Jung, a libido estava ligada a um universo maior, considerando a sociedade, crenças religiosas e sua visão individual do mundo. Nise da Silveira, grande propagadora das obras de Jung, faz uma boa descrição: "Libido é apetite, é instinto permanente de vida que se manifesta pela fome, sede, sexualidade, agressividade, necessidades e interesses diversos. Tudo isso está compreendido no conceito de libido", ressalta Carolina Careta.

Freud e Jung em cena do filme *Um Método Perigoso*

Espiritualidade

A religião equivale a uma culpa irracional que o homem não deveria carregar – é o que Freud pensava. "A necessidade de colocar o pai como Deus é o argumento freudiano ao que remete o complexo paterno: necessidade da proteção contra suas próprias fraquezas", diz Carolina.

A espiritualidade, segundo Jung, seria uma forma de o homem se ligar a algo superior, de estabelecer rituais, símbolos e crenças religiosas. Essa necessidade aparece como uma forma de estruturação e autorregulação psíquica. "A religião é algo natural da psique humana coletiva, e se manifesta nos arquétipos, nos sonhos, mitos e ritos", considera a psicóloga clínica.

Consciente e inconsciente

Como já vimos, segundo Freud, a consciência diz respeito ao que o sujeito percebe dentro e fora de si, seja pelos pensamentos, sentimentos, sensações físicas, impressões, fantasias, entre outros.

O inconsciente, para o psicanalista, era uma espécie de "quarto de despejo". "Nele, jogamos nossos recalques, sem ordem, e o tempo faz com que se fermentem, incomodem, inchem e, um dia, sejam jogados para fora, para o consciente, na busca de uma solução", lembra Mauro Gertner. Freud via o inconsciente como algo apenas pessoal, pois entendia que cada ser humano detém seus próprios conteúdos reprimidos, geralmente marcados na infância, abalando o equilíbrio da consciência.

Na psicologia analítica, o inconsciente é caracterizado em duas camadas. Na primei-

Jung e a paciente Sabrina Spielrein, retratados no longa *Um Método Perioso.*

TERCEIRO ELEMENTO

Outros aspectos contribuíram para enfraquecer a relação entre os dois mestres da teoria psicanalítica. Freud interferiu no caso de uma paciente histérica atendida por Jung, chamada Sabrina Spielrein. O psicanalista intrometeu-se enviando cartas aos pais dela, fazendo acusações e proibições. Esse episódio inspirou o filme *Um Método Perigoso*, que aborda a rivalidade entre Freud (Viggo Mortensen) e seu seguidor Jung (Michael Fassbender), em meio ao caso do suíço com a paciente Sabrina (Keira Knightley). Vale a pena assistir!

ra, está o inconsciente pessoal, onde são mantidas as experiências pessoais, que podem se tornar reprimidas, esquecidas ou ignoradas. A outra camada, proposta por Jung, é o inconsciente coletivo "Nele, estão contidos os instintos juntamente com imagens primordiais denominadas arquétipos, herdados da humanidade. Ou seja, muitas das estruturas que constituem os seres humanos são herdadas de seus ancestrais e, com o tempo, são transformadas, juntamente com as revoluções de ideias, tecnologia e inovações, sem perder a essência e suas raízes", explica Carolina.

João Rafael dá como exemplo o primeiro contato de uma criança com uma história de salvação. Isso pode evocar nela uma imagem arquetípica de herói. "A partir daí, tudo que englobar esse tema ajudará a constituir o complexo de herói que se fomenta em sua psique, e que perdurará por toda a existência. Ao final, a experiência reunida por ela ajudará a corroborar o arquétipo de herói, retroalimentando-o", explica o analista junguiano.

Mauro Gertner lembra que Freud não conseguia ver essa relação universal e não aceitava o conceito de inconsciente coletivo. "Ele não queria incluir conteúdos humanísticos em sua busca 'científica' para provar ao mundo da ciência e para a academia de seu tempo a validade e seriedade de seu trabalho".

Para os junguianos, não há um confronto entre consciente e inconsciente. Segundo João Rafael, existe uma busca para conhecer as potencialidades que se encontram inconscientes, por saberem que a consciência é uma instância importante, porém pequena e limitada, da totalidade psíquica. "Nossa busca não é de 'desvendar' o inconsciente, mas de tentar estabelecer com ele uma interlocução produtiva, para que nos tornemos melhores indivíduos", elucida.

Arquétipos e complexos

Entre os termos apresentados por Jung em suas teorias estão os complexos. São uma reunião de imagens e ideias em torno de um núcleo derivado de um ou mais arquétipos. "Por exemplo, quando falamos 'pai', nos vem um arquétipo universal do inconsciente coletivo, imediatamente associado por nós: uma imagem do que é um pai, uma ideia do que é um pai, uma emoção que nos causa e um conceito. Esses quatro elementos se ligam ao arquétipo do pai inconsciente e são energizados em nosso inconsciente individual formando um complexo", exemplifica Mauro Gertner. Ao entrarem em ação, contribuem para o comportamento e são marcados pelo afeto. "Para Jung, os complexos são uma via régia para o inconsciente", defende Carolina. Segundo Jung, na medida em que se desenvolvem, os complexos reforçam uma capacidade de coesão e autonomia, chegando a parecer uma "outra perso-

Fotos: Divulgação

nalidade". Eles exercem uma espécie de "magnetismo" para atrair novas experiências que os reafirmem, segundo o analista junguiano João Rafael Torres. "Essa é a causa, inclusive, do fator patológico dos complexos: quando um deles está bem fortalecido e assume confronto direto com o ego, perturba sua atuação no posto de comando da consciência, surgindo o processo neurótico".

Enquanto isso, a psicose ocorre quando o complexo do ego se dissolve, temporária ou definitivamente; dessa forma, outro complexo toma a frente do comando. "Os complexos seriam responsáveis não só pelas patologias e neuroses, mas por todo o funcionamento da psique", revela João Rafael.

Para Freud, os complexos fraternal e de Édipo (quando um menino estabelece uma relação de desejos amorosos pela mãe) são questões primordiais para a psicanálise. "Eles explicam as relações, principalmente na infância, e suas devidas disputas, rivalidades, assim como o ciúme", complementa Carolina Careta.

Além disso, o pai da psicanálise não vislumbrava um conjunto arquetípico ancestral coletivo agindo no indivíduo, mas exigências sociais e morais da família e sociedade na forma do superego (saiba mais na página 20).

Sonhos

A psicanálise e a psicologia analítica têm posturas diferentes sobre o ato de sonhar e o entendimento de seus significados simbólicos. Para Freud, os conteúdos que surgem no estado onírico têm a ver com recalques, traumas e frustrações não resolvidas, que ficam guardados no inconsciente (página 24). Então, por serem refutados em vigília pelo consciente, eles buscam uma válvula de escape para resolução – isso acontece quando sonhamos. Para Freud, esses conteúdos poderiam ser interpretados por meio de associações livres, atribuindo significados a esses desejos manifestados em estado onírico. Dessa forma, Freud considera os sonhos como a via régia para o inconsciente.

Para Jung, os sonhos "contêm desejos espirituais de evolução, conexão com ações que devem ocorrer para atingir objetivos específicos, manifestações artísticas de emoções e sentimentos, reflexos da cultura coletiva, e muito mais do que mera satisfação de desejos sexuais reprimidos", destaca Mauro Gertner.

Assim, Jung critica a posição freudiana a respeito dos símbolos sexuais oníricos, que tendia a interpretar como um pênis o que parecesse fálico. Reduzir uma imagem fálica à sexualidade é minimizar seus possíveis sentidos, considera João Rafael Torres. "Se Jung interpretasse o falo como criatividade, isso seria já uma derivação amplificada do tema: o pênis é o agente ativo da fecundação, gerando vida – daí a possível associação com a criatividade. Mas poderia ser uma série de outros significados".

O analista junguiano diz que, ao trabalhar um sonho em análise, a primeira avaliação levada em consideração é a atribuída pelo sonhador, a partir do conjunto de símbolos de seu repertório particular. "Em seguida, passamos aos significados atribuídos pelo analista e, por último, os diluídos no imaginário popular: mitologias, contos de fadas, etc, como representações do inconsciente coletivo". Dessa forma, o objetivo é nunca encerrar a interpretação de um sonho, mas deixar as imagens vivas na consciência, para manter um intercâmbio vivo com o inconsciente.

Igualmente importantes

Carolina Careta considera que, mesmo com todo o avanço da humanidade, devemos agradecer e muito pela contribuição à psicologia dessas duas figuras ilustres. "Mesmo envoltos em uma vida de batalhas travadas por aquilo que acreditavam e defendiam diante de críticas, escândalos e indignações, Freud e Jung ajudaram muito na revolução de pensamentos e maior compreensão da psique".

CONSULTORIAS
Carolina Careta, psicóloga clínica com viés em psicologia analítica; João Rafael Torres, psicoterapeuta e analista junguiano, Mauro Gertner, psicanalista didata e ex-diretor técnico da Sociedade Brasileira de Psicanálise Integrativa.